

Apresentação: plantando as ações afirmativas na UFG

Os trabalhos reunidos nesta coletânea são o produto de um processo epistemológico e político que remonta a uma década atrás, quando pleiteamos na reitoria da UFG a implementação de cotas étnico-raciais para o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), da Faculdade de Ciências Sociais-UFG.

O PPGAS foi criado a partir da implantação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que possibilitou a internalização das universidades, ou seja, a criação de recursos para a sua expansão, como novos cursos, ampliação de vagas para docentes e outras políticas de apoio. Os cursos de pós-graduação em Antropologia Social, até então concentrados no Rio de Janeiro, em São Paulo, Brasília, Florianópolis, Campinas, Pernambuco e na Bahia, internalizaram-se com a criação de dezenas de programas no sistema universitário brasileiro. Com isso, em uma década, expandiram-se consideravelmente os programas de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil.

A internalização da Antropologia abriu as portas para uma parcela da população que, nos seus estados de origem, não tinha acesso aos cursos. Mas,

apesar deste processo de internalização da disciplina com a criação de novos programas, a universidade continuava maioritariamente branca, tanto no seu corpo discente como no docente.

No ano de 2008, a UFG instituiu o projeto UFGInclui, com a criação de cotas étnico-raciais para os cursos de graduação, passando a receber estudantes negros, quilombolas e indígenas (Consuni nº 29/08) (Brasil, 2008). Hoje, este programa reserva 10% das vagas de cursos de graduação para estudantes que tenham cursado o ensino médio em escolas públicas e outros 10% para estudantes negros, também egressos de escolas públicas. O programa estipulou ainda a criação de uma vaga extra, em cada curso de graduação que apresente essa demanda, para candidatos indígenas e outra para quilombolas.¹

Outra porta de ingresso na UFG para os estudantes indígenas foi a criação, em 2006, do curso de Educação Intercultural nesta universidade, voltado para a formação de professores indígenas. Esta importante ação articulou os esforços de docentes das Faculdades de Letras, de Ciências Sociais e de História e resultou na criação do Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena-UFG.

No ano de 2014, o PPGAS considerou que, se a Universidade já tinha implementado políticas de cotas na graduação, o passo mais acertado seria implementá-las também na pós-graduação. Com essa visão, o Programa submeteu à Procuradoria Jurídica da UFG a proposta de cotas para a pós-graduação em Antropologia Social. Afinal, as procuradorias das universidades federais são as responsáveis pela revisão documentada de propostas, cabendo-lhes, portanto, analisar as implicações jurídicas para uma possível aplicação de ações afirmativas.

Ao avaliar esta primeira proposta, a Procuradoria da UFG, argumentando que as cotas no PPGAS inviabilizariam a isonomia entre os programas de pós-graduação da Universidade, vetou o projeto. Em seu entendimento, não era recomendável ter cotas étnico-raciais em um programa e em outro não.

1 Em 2012, a Lei nº 12.711/12 estabeleceu as cotas em nível de graduação para todas as universidades federais.

Diante desta disjuntiva, em reunião com o então reitor Orlando Amaral, concluiu-se que a alternativa seria implementar as políticas de ação afirmativa, que incluem as cotas, em todos os programas de pós-graduação da UFG. A partir daí, deslanchou-se um processo político que contou com o apoio de vários programas de pós-graduação, entre eles, os Programas de Pós-Graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos, em Comunicação, em Letras e, surpreendentemente, também os da área de Biologia. O projeto foi discutido entre representantes dos diversos cursos em uma comissão encabeçada pelo pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, à época, José Alexandre Diniz Filho. Este trabalho coletivo resultou na aprovação da Resolução Consuni nº 07/2015, que instituiu as cotas étnico-raciais no sistema de pós-graduação da UFG (Diniz Filho *et al.*, 2016).²

Ampliar as possibilidades de ingresso em um programa de pós-graduação, beneficiando alunos/as indígenas, quilombolas e negros/as, foi, portanto, o resultado de uma luta política. E este benefício não se restringe às cotas: diversas ações afirmativas foram desenvolvidas nos programas para apoiar a permanência dos/as ingressantes. O PPGAS, produto da internalização das pós-graduações em Antropologia Social, internalizava agora alunos/as oriundos/as de diferentes tradições culturais. Com isso, desencadeou-se um processo em que a própria Antropologia é interpelada por meio dos conhecimentos ancestrais, das tradições, epistemologias e formas de organização não ocidental que adentram na pós-graduação.

A Antropologia que frutifica hoje no PPGAS, depois de todos esses movimentos, é uma Antropologia diferente, mais plural e representativa da diversidade étnico-racial que compõe a sociedade brasileira. Neste livro, são apresentados

2 DINIZ FILHO, José Alexandre Felizola *et al.* Cotas étnico-raciais na pós-graduação: a experiência da Universidade Federal de Goiás. In: ARTES, Amélia; RIDENTI, Sandra Unbehaum; SILVÉRIO, Válder Roberto (org.). *Ações afirmativas no Brasil: reflexões e desafios para a pós-graduação*. São Paulo: Cortez: Ed. Fundação Carlos Chagas, 2016. p. 183-212. v. 2.

alguns frutos desse plantio, que tem potencial para abrir a disciplina a outros olhares, outras perspectivas e epistemologias. Os escritos reunidos e apresentados nesta coletânea são originários das primeiras dissertações de estudantes indígenas e quilombolas formados no PPGAS-UFG. Como frutos, estes textos podem ser diferentes, variados, com diversas colorações, uns mais maduros, outros ainda em maturação, mas todos carregam sementes que poderão gerar novos frutos. Como integrantes do PPGAS, orgulhamo-nos de testemunhar este giro antropológico, singularizado por um forte caráter antropofágico, que possibilita vislumbrar uma outra Antropologia.

Boa leitura!

Luciana de Oliveira Dias

Gabriel Omar Alvarez